

**TRABALHO ARTESANAL EM FIBRA DE BURITI NO MARANHÃO\***

## HANDICRAFT WORK MADE OF BURITI FIBER IN THE STATE OF MARANHÃO

## TRABAJO ARTESANAL CON LA FIBRA DEL BURITI EN EL MARANHÃO

Paulo Fernandes Keller

**Resumo:** Análise do trabalho e da produção artesanal em fibra de Buriti nas Cidades de Barreirinhas e Tutóia – Maranhão. A investigação social do trabalho e de grupos de produção artesanal surge como tema importante por ser o artesanato uma atividade tradicional e ao mesmo tempo presente na sociedade contemporânea. O artigo investiga o trabalho e a produção artesanal, suas condições e formas de organização e a inserção do trabalho e da produção artesanal nas redes de relações socioculturais, econômicas e institucionais. Uma questão importante é a investigação da organização do trabalho artesanal nas cooperativas e associações e de que forma seu produto circula ao longo da cadeia do artesanato. Estas investigações são relevantes para descrever as novas configurações do trabalho e da produção artesanal em sua inserção na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Artesão. Artesanato. Maranhão.

**Abstract:** Analysis of handicraft work and production made of *buriti* fiber at Barreirinhas and Tutóia Cities – Maranhão State. The social investigation of the work and groups of handicraft production arises as important theme because handicraft is a traditional activity and at the same time it is present in contemporary society. This paper investigates the artisanal work and production, its conditions and organization forms and the insertion of artisanal work in the networks of sociocultural, economics and institutional relations. An important question is the investigation of the artisanal work organization on cooperatives and associations and how their products flows at handicrafts value chain. Those investigations are relevant for describing the new configurations of artisanal work and production insertion in contemporary society.

**Keywords:** Handicraftsman. Handicraft. Maranhão.

**Resumen:** Análisis del trabajo artesanal y de la producción con la fibra del buriti en las Ciudades de Barreirinhas y de Tutóia - Maranhão. La investigación social del trabajo y de la producción artesanal surge como tema importante gracias a la artesanía ser una actividad tradicional y al mismo tiempo presente en la sociedad contemporánea. El artículo investiga el trabajo artesanal y la producción, sus condiciones y formas de organización y su inmersión en redes de relaciones socioeconómicas e institucionales. Una cuestión importante es la organización del trabajo artesanal en las cooperativas y asociaciones y cómo el producto se mueve a lo largo de la cadena de valor de la artesanía. Estas investigaciones son relevantes para describir las nuevas configuraciones del trabajo artesanal y la artesanía en su inserción en la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Trabajo artesanal. Artesanía. Maranhão.

**1 INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta e analisa dados parciais do projeto de pesquisa “Trabalhadores artesãos na sociedade contemporânea: uma análise do trabalho e da produção artesanal a base de fibra de Buriti nas Cidades de Barreirinhas e Tutóia - Maranhão” (Financiado pelo CNPq/FAPEMA).

O trabalho e a produção artesanal surgem como tema importante por ser o artesanato uma atividade considerada tradicional e ao mesmo tempo presente na sociedade contemporânea. Trata-se de um trabalho que tem tanto a sua dimensão criativa e simbólica quanto a sua dimensão econômica e mercantil. Alvim (1983, p. 49), em seu estudo sobre a

“arte do ouro” de Juazeiro do Norte, já alertava para o fato de que:

A relação do artesanato com a tradição faz com que muitas vezes grupos sociais que tiram do artesanato seus meios de existência sejam catalogados como partes de uma sociedade tradicional que se define por oposição a uma sociedade moderna [...]. No entanto, ver no artesanato resquícios de uma sociedade tradicional é esquecê-lo como contemporâneo e minimizá-lo em sua importância na medida em que é através das chamadas atividades artesanais que parte significativa da população sobrevive.

O trabalhador artesanal é contemporâneo e sua presença na sociedade e na economia de hoje se faz de modo particular. Trata-se, não apenas de um meio de sobrevivência,

\*Artigo recebido em maio 2011

Aprovado em agosto 2011

mas uma atividade que demanda habilidades e capacidades específicas, consideradas não apenas manuais, mas, sobretudo criativas. Sennett (2009) explora o vínculo entre “mão” e “cabeça” e a imagem da “mão inteligente” para ressaltar as relações entre concepção e execução na atividade artesanal.

É no mundo moderno, com o crescimento da produção industrial, com uma produção em larga escala de produtos padronizados que supre o mercado com produtos mais baratos, que ocorre o declínio das oficinas artesanais. Para Marx (1975), a economia e a ideologia capitalista dissociam o saber do fazer, o trabalho intelectual do manual. Assim, os artesãos se tornam verdadeiros guardiões de conhecimentos relativos a processos de produção tradicionais, no Brasil, e em outras partes do mundo.

Nos dias atuais, a produção artesanal atende a novos nichos de mercado, a partir do ressurgimento do interesse e da valorização do objeto artesanal e natural. O produto artesanal é um produto diferenciado pela carga cultural e pela identidade societária que carrega, ou, em uma linguagem estritamente econômica, um produto com um valor agregado. O produto artesanal ganha destaque em uma sociedade de mercadorias globalizadas e padronizadas.

Enquanto uma atividade social e econômica o artesanato é diversificado e intersetorial. Sobre a diversidade do artesanato, Alvim (1983, p. 50) afirma que: “As diferentes realidades que se escondem muitas vezes sob a capa do artesanato são bastante diversas e particulares”.

Canclini (2008, p. 215) aponta um crescimento da participação do artesanato na economia (dos bens simbólicos e folclóricos) e indica alguns dos principais motivos para este crescimento:

Os estudos sobre artesanato mostram um crescimento do número de artesãos, do volume da produção e de seu peso quantitativo: um relatório da SELA calcula que os artesãos dos quatorze países latino-americanos analisados representam 6% da população geral e 18% da população economicamente ativa. Uma das principais explicações do incremento, dada tanto por autores da área andina quanto meso-americana, é que as deficiências da exploração agrária e o empobrecimento relativo dos produtos do campo impulsionaram muitos povos a procurar na venda do artesanato o aumento de sua renda [...]. O desemprego é outro dos motivos pelos quais está aumentando o trabalho artesanal, tanto no campo quanto nas cidades, deslocando para esse tipo de produção jovens procedentes de setores socioeconômicos que nunca trabalharam nesse ramo.

O fazer artesanal é em essência um *fazer manual* e envolve um domínio do saber fazer na sua área de atuação. Para Alvim (1983, p.

50): “o artesanato é visto como uma forma de produção em que trabalhadores desenvolvem uma forma de relação com o objeto de seu trabalho individualizado”.

Segundo o Termo de Referência, do Programa SEBRAE de Artesanato (SEBRAE, 2004), artesão “são aqueles detentores de conhecimento técnico sobre materiais, ferramentas e processos de sua especialidade, dominando todo o processo produtivo”. Segundo este Termo de Referência, os *produtos artesanais* são classificados em três categorias: (1) Arte Popular; (2) Artesanato; e, (3) Trabalhos Manuais (SEBRAE, 2004). Estas categorias caracterizam a diversidade da produção artesanal. A arte popular centrada na figura do artista/artesão, com a produção de peças únicas e/ou séries limitadas, fruto da criação individual. O artesanato centrado na figura do artesão, com a produção de pequenas séries com regularidade. No artesanato tradicional predomina a produção em pequena escala de séries de objetos, individual ou coletiva. Já no artesanato de referência cultural prevalece a produção de coleções temáticas em núcleos de produção. Nos trabalhos manuais, o artesão produz de forma sistemática reproduzindo ou copiando técnicas e produtos de domínio público, ou seja, produzindo a partir de moldes e padrões pré-estabelecidos.

A atividade artesanal é uma atividade intersetorial por estar associada a diversas outras atividades econômicas, tais como, o turismo, a moda, a arquitetura e a decoração, etc. (SEBRAE, 2004). O que permite investigar a cadeia do artesanato conectada a diversas outras cadeias produtivas.

Os números da atividade artesanal no Brasil são escassos e imprecisos. Cabe ressaltar aqui a iniciativa do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC) que está promovendo o cadastramento dos artesãos brasileiros. No Estado do Maranhão tal cadastramento está a cargo do Centro de Promoção e Comercialização do Artesanato Maranhense (CEPRAMA). O documento do Ministério da Cultura intitulado “Economia da Cultura – Um setor estratégico para o país”, redigido por Paula Porta (2008, p. 3), afirma que “A atividade cultural mais presente nos municípios brasileiros é o artesanato (64,3%)”.

A diversidade da produção artesanal também está presente no Estado do Maranhão onde podemos encontrar: a vestimenta artesanal do vaqueiro produzida em couro; a ce-

râmica feita de argila; o móvel ou a imagem sacra feitas de madeira; a arte indígena que utiliza materiais diversos; o chapéu, a bolsa e a toalha feita da fibra de buriti; a diversidade do trabalho das rendeiras e dos produtores de rede; e o universo dos objetos artesanais do Bumba-meu-Boi (SEBRAE, 2007).

Sem dúvida, uma investigação social do trabalho e da produção artesanal no Estado do Maranhão encontra uma ampla gama de situações ricas e diversas. Uma economia do artesanato que se articula a diversos outros setores (turismo, vestuário/moda, arquitetura e decoração, etc.), configurando redes sociais, culturais, econômicas e institucionais.

A produção artesanal realizada nas cidades de Barreirinhas e Tutóia (MA) tem por base a fibra do buriti, fibra vegetal extraída de uma palmeira nativa que se desenvolve em ecossistemas alagados, muito presente nos municípios de Barreirinhas e Tutóia. Da produção feita com fibra de buriti surgem diversos objetos: chapéu de palha, bolsas, toalhas, entre outros. Esta produção artesanal é classificada como tradicional e de referência cultural: "Nos Lençóis Maranhenses, o artesanato de fibra de buriti - tradicionalmente passado de geração em geração - é importante fonte de renda" (SEBRAE, 2008).

Nos municípios de Barreirinhas e Tutóia a produção artesanal feita à base de fibra de buriti se organiza de forma coletiva, seja em pequenos grupos informais, seja em associações ou cooperativas. Na cidade de Barreirinhas existe a Cooperativa das Artesãs dos Lençóis Maranhenses (ARTECOOP) e na cidade de Tutóia a Associação das Artesãs do Bairro Monte Castelo. Tanto a cooperativa quanto a associação são apoiadas pelo Projeto "Talentos do Brasil" desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) junto com o SEBRAE, do Maranhão. As artesãs recebem apoio do MDA e do SEBRAE de diversas formas, entre elas, a capacitação profissional e técnica, e a consultoria de designers.

Recentemente, o produto do trabalho das artesãs (acessórios: chapéus e bolsas) desta região maranhense foram apresentados em semanas de moda, em Brasília e no Rio de Janeiro (Capital Fashion Week e Fashion Rio), com apoio do Projeto "Talentos do Brasil" (MDA). Estes eventos trouxeram maior visibilidade para seus produtos e trouxeram perspectivas de inserção no mercado internacional.

A região onde se localiza Barreirinhas e Tutóia integra o Arranjo Produtivo Local (APL)

de Turismo e Artesanato, segundo mapeamento de APL desenvolvido por Guimarães (2007). Os dados preliminares levantados permitem argumentar que as atividades da economia do artesanato nesta região formam um *arranjo* produtivo e criativo ou uma rede de relações sociais, econômicas e institucionais particulares que se articulam tanto com a indústria do turismo quanto com a indústria do vestuário (moda).

Em nossas investigações utilizamos metodologia de *pesquisa qualitativa* instrumentalizando dados quantitativos e qualitativos. Adotamos a *triangulação de métodos* articulando o estudo de caso com a pesquisa documental, a observação direta e o uso de entrevista. O processo de coleta de dados lança mão de múltiplas estratégias: desde a observação direta e entrevistas semidirigidas e entrevistas abertas até análise de documentos e demais dados secundários.

## 2 TRABALHO E ECONOMIA DO ARTESANATO

Para Marx (1975), o trabalho em seu sentido abstrato constitui um intercâmbio entre homem e natureza por meio de um dispêndio de energias físicas e mentais. Marx (1975, p. 202) entende o trabalho como um processo de que participam o homem e a natureza, quando o ser humano "Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana". Na visão marxista, o trabalho humano é essencialmente criativo.

Marx (1975, p. 202) afirma:

[...] o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade.

No artesanato, enquanto modelo idealizado (MILLS, 2009), o artesão tem domínio do processo de trabalho, ou seja, um único trabalhador exerce todas as funções ou tem consciência de sua parte no todo. Para Mills (2009, p.60): "O artesão tem uma imagem do produto acabado, e mesmo que não o faça inteiro, vê o lugar de sua parte no todo e, por conseguinte, compreende o significado de seu esforço em termos desse todo."

O advento da produção capitalista, com sua divisão do trabalho complexa, vai disso-

ciar e subdividir as diversas funções do processo de trabalho. Esse processo deixa de ser simples produção de objetos úteis para se tornar produção de valor (MARX, 1975). Para Marx (1975, p. 584) "só é produtivo o trabalhador que produz mais valia para o capitalista, servindo assim à auto-expansão do capital".

A análise de Marx ajuda a refletir sobre as formas coletivas de produção artesanal. Se, por um lado, o trabalho na cooperativa ARTECOOP, de Barreirinhas, e na Associação de Artesãs, de Tutóia, não constitui trabalho assalariado, por estarem baseado nos princípios e valores do cooperativismo e do associativismo, neste sentido não gera mais valia, por outro lado, elas produzem uma mercadoria (objeto artesanal) que tem valor (mercantil, cultural e simbólico) e que atende a um mercado que funciona dentro de uma lógica econômica predominantemente capitalista.

Os estudos sobre o artesanato, do antropólogo Ricardo Gomes Lima, do Museu do Folclore (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/MinC), constituem uma referência importante quando o tema é o artesanato e fonte para diversas reflexões teóricas.

Quando a questão é a produção artesanal, Lima (2005), afirma que há dois discursos: o primeiro advoga a conservação do objeto artesanal, dotado de estética perfeita que refletiria o gosto do seu produtor, nas condições em que foi produzido; o segundo advoga a *adequação* do objeto artesanal aos tempos contemporâneos, "tempos que preconiza a transformação de sua forma, a criação de um novo design ("refinado") como condição para garantir mercado". Para Lima (2005) há vários atores sociais nesta discussão e um sentido de "buscar condições" que garantam ao trabalho artesanal maior geração de renda e ampliação do mercado, respeitando os artesãos e os valores populares e culturais.

Nesta perspectiva, os artesãos são tanto produtores de objetos quanto produtores de cultura. Para Lima (2005), o objeto artesanal é produto do fazer humano (fazer manual) em que o uso de ferramentas e instrumentos de trabalho no manuseio da matéria-prima (objeto de trabalho) é submisso à vontade do criador, o que usa basicamente as mãos, ou seja, o processo de produção artesanal é essencialmente manual. Outra característica importante destacada por Lima (2005) é a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia utilizada, e a forma que pretende dar ao produto (produto de sua criação e fruto de seu saber e cultura).

Esta abordagem leva a diversas reflexões teóricas sobre o tipo e a forma de inserção do trabalho e do produto artesanal na rede de relações (socioculturais, econômicas e institucionais) no interior da economia e da sociedade capitalista, em particular, a inserção do produto artesanal (tradicional e cultural) feita a base da fibra do buriti nas inter-relações da cadeia do artesanato com o turismo e a moda, no contexto do *arranjo* produtivo e criativo local da região de Barreirinhas e Tutóia, no Maranhão.

Segundo Lima (2005), o artesanato tradicional e cultural traz a "marca forte da cultura", constitui um produto que traduz uma identidade (do artesão e da coletividade) e expressa uma identidade cultural. Sendo assim, para Lima (2005), o produto artesanal (enquanto mercadoria) tem vantagem no mercado, por ser um produto com valor agregado (valor da cultura e da tradição).

Lima (2005), elenca vários pontos importantes para discussão sobre a produção artesanal. O primeiro ponto é que *o artesanato não é mera mercadoria*. Trata-se de um produto diferenciado por ter tanto a dimensão econômica quanto a dimensão cultural. É um produto que integra um sistema de valores culturais da comunidade ou região.

A obra de Bourdieu (1996, 2004) não trata especificamente do artesanato, mas do *mercado dos bens simbólicos*. Os produtos culturais e simbólicos, para Bourdieu (1996, p.162), trazem este *duplo valor*: cultural e mercantil:

Esse universo relativamente autônomo [...] dá lugar a uma economia às avessas, fundada, em sua lógica específica, na natureza mesma dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações - cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes.

O segundo ponto levantado por Lima (2005, p. 4) é que "artesanato não é produto de máquina". Nesse sentido, trata-se de trabalho manual e irregular que difere substancialmente da padronização e da uniformização da estética industrial. Este ponto leva a uma reflexão teórica e a diversas questões de pesquisa: É possível preservar o *fazer artesanal* dentro de um processo de mudança? Qual a natureza da relação entre o artesão e o designer que presta consultoria e promove *intervenção* nos processos de criação e de produção artesanal? Como se constrói a relação entre artesão e designer com seus saberes e posições de classe particulares? Em que medida o "novo design" do produto artesanal é um projeto do artesão? Em que

medida o artesão participa e integra (sendo autor ou coautor) dos projetos de produtos artesanais? Em que medida a capacidade criativa do artesão estaria sendo transferida para o profissional do design?

O terceiro ponto levantado por Lima (2005, p. 7) afirma que "Artesanato não é imutável". Se o artesanato é passível de mudança, a questão é como ocorre essa mudança e em que medida o artesão e suas organizações são atores atuantes na condução deste processo de mudança. Atualmente a questão do controle vai além do processo de produção e deve se estender para toda a *cadeia de valor*. Nesse sentido, a atuação ativa do artesão e suas organizações envolve o desafio de conhecer e dominar as diversas etapas envolvidas na cadeia do produto artesanal.

Sobre a mutabilidade do artesanato, Lima (2005) enfatiza que não se trata de "congelar" o fazer artesanal, mas sim, de respeitar o artesão e seus valores culturais e coletivos, de garantir que os artesãos e suas organizações tenham o controle e o *domínio do processo de criação e produção* e das demais atividades integrantes da cadeia do produto artesanal. A participação ativa do artesão e suas organizações no processo de mudança gerado pela necessidade de adequação às novas tecnologias e às demandas do mercado consumidor é um desafio.

O quarto ponto levantado por Lima (2005) afirma que "Artesanato tem seu ritmo - seu tempo de produção". A inserção do produto artesanal atendendo a nichos de mercado (moda artesanal e moda ecológica - no caso dos produtos artesanais feitos a base de fibra de buriti) conduz a uma maior produção que altera seu ritmo. Se por um lado possibilita geração de renda, por outro, modifica o ritmo da produção artesanal. Surge a questão: Em que medida o sucesso comercial do produto artesanal e o aumento da demanda modifica o ritmo do trabalho e da produção artesanal, seja na oficina ou no domicílio dos artesãos, assim como altera a vida comunitária onde ocorrem estas atividades?

O quinto e último ponto levantado por Lima (2005) trata da questão da "autoria do objeto artesanal". Evidentemente uma autoria que envolve um fazer artesanal nos espaços das cooperativas e associações que tem dimensão coletiva e comunitária. Um tema que se relaciona com o "saber fazer" artesanal enquanto um patrimônio imaterial da comunidade.

### 3 TRABALHO E ECONOMIA DO ARTESANATO NO MARANHÃO

Já na década de 1980, Alvim (1983, p. 49) destacava a importância de olhar para a realidade dos trabalhadores que têm o artesanato como meio de subsistência. Uma economia substantiva (POLANYI, 2000) ou uma forma destes trabalhadores produzirem para viver. No Brasil o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC) estima que 8,5 milhões é o número de artesãos ativos no Brasil. Nesta economia feita de forma artesanal são movimentados R\$ 52 bilhões ao ano. No Maranhão, o SEBRAE estima que cerca de 50 mil famílias tenham o artesanato como sua fonte de renda.

A economia do artesanato tem passado por diversas mudanças. A produção artesanal cada vez mais se volta para mercados distantes e políticas governamentais enfatizam o caráter de negócio da atividade e a importância de profissionalizar o artesão transformando-o em um empreendedor. O maior contato dos trabalhadores artesãos e da economia do artesanato com a economia de mercado tem provocado diversos impactos. Antes uma produção voltada para consumo próprio (bens utilitários) ou produção em pequena escala para mercado local agora produz para mercados mais amplos e distantes.

O trabalho e a economia do artesanato entram em contato com questões que dizem respeito ao mundo empresarial: qualidade do produto, adequação ao mercado, empreendedorismo. Para nossa análise importa ver o produto e o seu produtor. Ver a particularidade do produto artesanal com seu valor socio-cultural e econômico. Ver a particularidade do fazer artesanal que utiliza as mãos e o cérebro para manusear a matéria e imprimir forma ao produto. E ver a particularidade das condições de vida e de trabalho dos artesãos e artesãs.

Na década de 1980, Vives (1983) enfatizava que a vida de grande parte destes trabalhadores fica à margem do sistema previdenciário, dentre outras precariedades e o não acesso a diversos direitos sociais. Vives (1983, p. 144) destacava que a *formação de cooperativas* dentro desta economia favoreceria os trabalhadores para vencer o *tradicional comerciante atravessador* que lucra com a intermediação entre os produtores e o mercado consumidor. No caso específico da economia do artesanato a cooperativa surge como uma forma de organização social e econômica de caráter positivo para superar a subordinação à empresa co-

mercial que faz a intermediação entre os produtores individuais e o mercado.

Nas cidades de Barreirinhas e Tutóia (MA) o artesanato é uma atividade econômica importante e de grande valor para a economia familiar. Uma atividade de valor cultural tradicional e de valor econômico. Estima-se que sejam milhares de trabalhadores que se dedicam a esta atividade, nesta região, atividade marcada pela informalidade e precariedade das condições de vida e de trabalho.

Nessa área famílias inteiras herdaram de seus antepassados a tradição do uso da fibra do buriti (palmeira frutífera abundante nesta região) como matéria prima para a confecção de produtos artesanais de inspiração indígena. É um artesanato classificado como tradicional e de valor cultural. Uma prática transmitida de geração para geração no interior das famílias e da comunidade local.

Além da informalidade e da precariedade a economia do artesanato nessas cidades é marcada pelo trabalho em domicílio. Uma artesã cooperada da Artecoop relatou, em entrevista, afirma que antes da formação da cooperativa: "Todos nós trabalhávamos como artesã individual [...] A gente fazia nossos produtos e andava ai nas portas das lojas. Em 2000 o SEBRAE veio aqui pra Barreirinhas na época não tinha nem agência e começou a fazer reuniões com a gente nos povoados". Consultoras do SEBRAE (2003, p.3) relataram em estudo de caso que

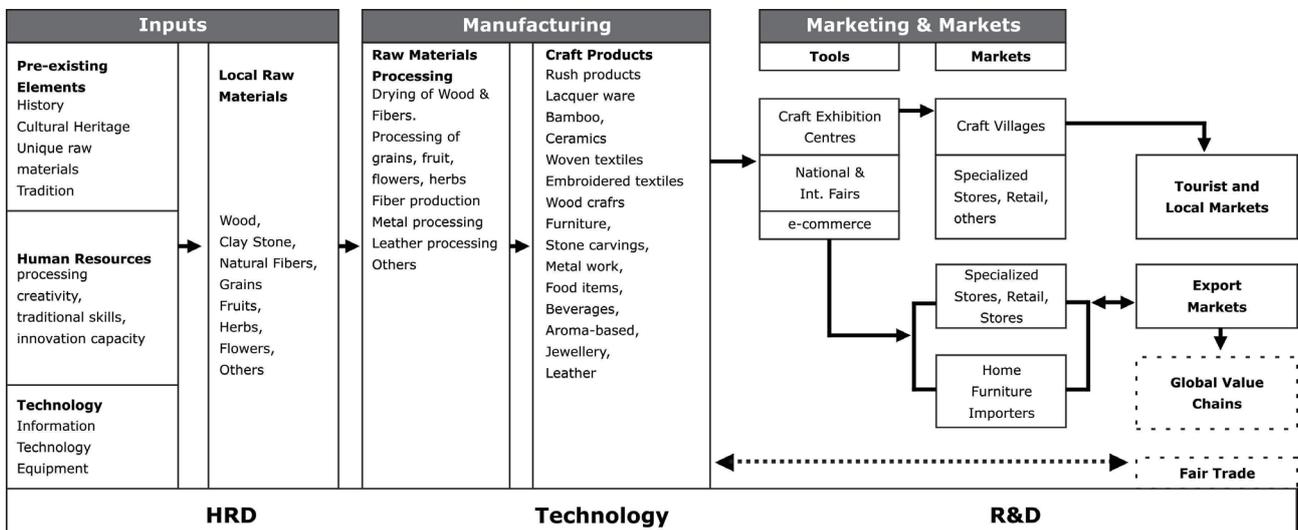
[...] as artesãs comercializavam produtos informalmente e de modo isolado. Com isso, facilitavam a atuação de terceiros que intermediavam as vendas e se aproveitavam dessa desarticulação para alimentar um esquema de total exploração.

Através da atuação de técnicos do Programa de Artesanato do SEBRAE, desde 2000, capacitando artesãs de diversos povoados da região, que se formaram os grupos de artesãs, nas cidades de Barreirinhas e Tutóia (cooperativa e associação). As artesãs começaram a participar de feiras, em 2004, comercializando seus produtos em novos mercados. Uma artesã cooperada ex-presidente da cooperativa informou que, devido a comercialização em novos mercados, elas sentiram "necessidade de ter nota fiscal nas transações comerciais", uma motivação para a criação da cooperativa.

Os produtos das artesãs associadas e cooperadas vem tendo sucesso comercial. A Artecoop ganhou o Prêmio Top 100, do Sebrae de Artesanato, neste ano. Além de terem seus produtos (bolsas e chapéus: acessórios) apresentados em diversas semanas de moda em grandes centros urbanos brasileiros (Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo). O sucesso comercial do produto se deve a maior valorização da produção artesanal em especial aquela feita a partir de matéria prima natural. Trata-se de um produto artesanal e natural. Este produto também agrega o valor do trabalho dos designers e dos estilistas de moda que realizam parcerias com as artesãs financiados pelo Programa Talentos do Brasil do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (Fotografia 2)

A cadeia de valor do artesanato utiliza três *inputs* principais (tangíveis e intangíveis). Primeiro - o trabalho do artesão, sua capacidade de criar e produzir; capacidade de criar o produto a partir de elementos sociais e culturais parte do patrimônio sóciohistórico e cultural coletivo e dos saberes tradicionais; a capa-

Figura 1 - A cadeia de valor do artesanato



Fonte: UNIDO (2002, p. 25)

cidade de produzir usando técnicas e saberes práticos parte desta herança social e cultural coletiva. Segundo - a matéria prima, neste caso, a fibra de buriti, uma matéria que é parte do ecossistema natural (buritizais) e da cultura local. Terceiro - a tecnologia, as ferramentas e as técnicas do artesanato. Com estes *inputs* artesãos dão forma à matéria.

Nas cidades de Barreirinhas e Tutóia cada vez mais as artesãs vem obtendo sua matéria prima por meio de um mercado informal. Em Barreirinhas, muitas artesãs compram o "olho do buriti" ou broto da palmeira dos homens extrativistas (preço por unidade = broto ou olho). Já em Tutóia muitas artesãs compram a fibra já beneficiada (preço por kilo). Algumas décadas atrás, era uma prática generalizada, as artesãs e seus familiares extraíam eles próprios o "olho" da palmeira. Com o crescimento da produção artesanal nas últimas décadas surgiu este mercado informal da matéria prima. Mercado que tem uma construção social e histórica nesta região. Mercado formado devido ao crescimento da economia do artesanato local, seja no comércio local provocado pela expansão do turismo na região, seja pelo comércio em mercados distantes.

Analisando as atividades econômicas em que as artesãs associadas e cooperadas estão imersas percebe-se que, para trás da cadeia, os seus fornecedores são homens que extraem o "olho do buriti" (estimam-se alguns milhares de homens - extrativistas) executando uma forma de trabalho informal e precário parte da economia do artesanato e das atividades da cadeia de valor do artesanato. As atividades econômicas das artesãs estão imersas em uma economia marcada pela precariedade das condições de vida e de trabalho e pela informalidade. Muitas artesãs adotam como estratégia para garantir o acesso ao sistema de previdência social a filiação aos sindicatos de pescadores e de trabalhadores rurais na região. A renda mensal das artesãs (associadas e cooperadas) oscila entre 1 e 2 salários mínimos em períodos de muita demanda ou menos que 1 salário mínimo em períodos de pouca demanda.

Na região o comércio de artesanato é grande, principalmente em Barreirinhas, onde o produto artesanal é comercializado nas diversas lojas do centro urbano e nos seus povoados, em pequenos pontos de venda, ou mesmo, nas residências das artesãs. As artesãs não associadas ou cooperadas (a grande maioria) comercializam seus produtos de forma isolada através de comerciantes locais ou de fora.

As artesãs cooperadas e associadas de Barreirinhas e Tutóia comercializam seus produtos de duas formas: no varejo ou por encomenda. Em Barreirinhas, as artesãs da Ar-tecoop têm sua própria loja (alugada), onde vendem seus produtos diretamente para seus consumidores, em geral, turistas de diversas procedências que afluem para a região dos Lençóis. Em Tutóia, as artesãs da Associação comercializam seus produtos em uma loja cedida pela Prefeitura Municipal localizada na Estação Rodoviária.

O comércio de produtos artesanais no atacado - tanto da associação de Tutóia ou da cooperativa de Barreirinhas - parte do catálogo da Coleção vinculada ao Programa Talentos do Brasil - atualmente é realizado por meio da Cooperativa Nacional Marca Única (COOPERUNICA). A Cooperunica é uma associação de cooperativas e associações de artesãs que tem vínculo com o Programa Talentos do Brasil do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A missão da Cooperunica é a comercialização dos produtos dos diversos grupos de artesãos apoiados pelo Programa Talentos do Brasil (MDA). Este é o principal programa governamental de apoio às artesãs de Barreirinhas e Tutóia que atua em parceria com o SEBRAE do Maranhão através de sua agência local. O Programa Talentos do Brasil atua na organização produtiva estruturada na gestão e desenvolvimento de produtos e mercado junto aos grupos produtivos. A comercialização de produtos dos grupos produtivos vinculadas ao Programa está representada pela COOPERUNICA.

Todos os produtos (principalmente bolsas e chapéus) do catálogo das coleções desenhadas pelos estilistas financiados pelo Programa do MDA são comercializados através da COOPERUNICA (que cobra uma porcentagem sobre o valor de cada produto comercializado). A Cooperunica recebe as encomendas dos clientes e encaminha para a Associação ou Cooperativa, que distribui os pedidos para as artesãs cooperadas e seus grupos de trabalho nos povoados. Segundo relato das artesãs, muitos problemas de gestão da comercialização dos produtos foram sanados com a criação da Cooperunica, que surgiu por iniciativa dos gestores do Programa Talentos do Brasil. Os produtos (bolsas e chapéus) gerados em parceria com os estilistas ou designers (ligados ao Programa) levam a marca "Linho dos Lençóis" (Barreirinhas) e "Mãos das Águas" (Tutóia) e são comercializados em grandes centros urbanos nacionais.

Uma bolsa produzida pelas artesãs, a qual é parte do catálogo da coleção do Programa Talentos do Brasil (MDA) pode alcançar o valor de R\$ 280, segundo relato de uma artesã cooperada. Assim, este produto artesanal produzido a partir da fibra do buriti, com apoio dos programas do MDA e do SEBRAE, é comercializado em mercados distantes (nacional, e perspectivas do mercado internacional). Através destes Programas, as artesãs associadas e cooperadas têm acesso a estratégias de divulgação e de comercialização de seus produtos estando presente nas semanas de moda e seus fashion business e no catálogo da coleção "Mãos que [re]fazem o mundo" e de outras formas de divulgação.

Este produto artesanal que chega ao consumidor final em mercados distantes soma uma série de atividades de trabalho e de produção. A concepção do produto passa a ser uma tarefa dos designers, que projetam produtos a serem confeccionados de forma artesanal. Os designers projetam produtos a partir de criação e reinterpretação, em uma forma de apropriação criativa, tendo por base pesquisa das iconografias e dos saberes tradicionais e pesquisa sobre a matéria-prima e as técnicas utilizadas. O trabalho do designer opera entre as pressões do mercado (necessidade de adequar o produto ao mercado) e a herança cultural da comunidade das artesãs. O estilista Ronaldo Fraga afirma no documento do SEBRAE (2008, p. 35) que a relação entre o designer e o artesão tem de ser de troca. "Nós, os designers, atuamos como interlocutores entre a comunidade e o mercado". Trata-se de investigar, sobretudo, o conteúdo desta troca e a natureza desta relação.

Os pedidos de produtos artesanais que integram os catálogos da coleção Talentos do Brasil (MDA) chegam à Associação ou à Cooperativa por meio da Cooperunica. Em seguida, os pedidos são repassados para as artesãs associadas e cooperadas e seus grupos de produção nos povoados, quando tem início o processo de produção. O processo produtivo começa com o trabalho informal e precário do tirador de olho (em geral homens – extrativistas), no início da cadeia produtiva, trabalho de extrair a matéria prima principal ("olho" da palmeira). Em Barreirinhas, essa matéria prima é passada para a artesã cooperada através do mercado informal do olho. Em Tutóia, as artesãs associadas compram a fibra de buriti pronta para a confecção do produto. Em Barreirinhas a artesã extrai a fibra (ou linho) do olho, beneficia esta fibra, tingindo a fibra de forma natural e confecciona os produtos. Na confecção, as artesãs utilizam

as técnicas do crochê, macramê, ponto batido (também usado para fazer redes).

A seguir apresentamos uma série de fotos, de nossa autoria, que mostram desde o processo de produção artesanal até sua comercialização.

Fotografia 1 – Extrativista - Barreirinhas-MA



Fotografia 2 – Extrativista e artesã - Barreirinhas -MA



Fotografia 3 – Beneficiamento da fibra – artesã - Barreirinhas-MA



Fotografia 4 - Tingimento da fibra em urucum - artesã - Barreirinhas-MA



Fotografia 5 - Artesã na Casa das Artesãs - Povoado Marcelino Barreirinhas-MA



Fotografia 6 - Confeção do produto - artesã - Barreirinhas-MA



Fotografia 7 - Artesãs da Associação das Artesãs do bairro Monte Castelo - Tutóia-MA



Fotografia 8 - Casa das artesãs - oficina de produção e ponto de venda - Barreirinhas-MA



Fotografia 9 - Artecoop - Cooperativa dos artesãos dos Lençóis Maranhenses - Barreirinhas-MA



Fotografia 10 - Loja da Associação das Artesãs do Bairro Monte Castelo - Tutóia-MA



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artesãs associadas e cooperadas estão ligadas a diversas redes; as redes lineares que compõem a cadeia de produção do artesanato local (as relações entre as artesãs e suas relações com os extrativistas); as redes de comercialização em mercados distantes através da relação com a Cooperunica (ligada ao Programa Talentos do Brasil/MDA) e as redes organizacionais, por meio de parcerias e apoios de diversos órgãos governamentais de fomento (MDA; SEBRAE; outros).

Em nossas investigações destacamos as relações sociais e econômicas das artesãs ao longo da cadeia do produto e sua imersão na sociedade e na economia do artesanato local. Buscamos aplicar a análise da cadeia de valor ou cadeia da mercadoria ao conjunto das relações de trabalho e de produção presente na economia do artesanato. Uma cadeia que conjuga diversos valores: social, cultural, simbólico, econômico e mercantil.

Apesar de apresentar resultados parciais de pesquisa, buscou-se destacar a riqueza da realidade do trabalho e da produção artesanal, em particular o realizado a partir da fibra de buriti, nas cidades de Barreirinhas e Tutóia, no Maranhão. Ressaltando que suas atividades estão imersas em condições sociais de trabalho precárias e informais, em que destacamos o não acesso a diversos direitos sociais básicos.

As artesãs associadas e cooperadas ainda representam um grupo quantitativamente muito pequeno em relação ao universo das artesãs nesta região. Contudo, as experiências das artesãs associadas e cooperadas imersas dentro do amplo universo da economia do artesanato significam mudanças e possibilidades para estas trabalhadoras vencerem o comerciante "atravessador" ou aquele que não pratica o comércio justo.

Destacou-se a inserção do trabalho e da produção artesanal nas redes de relações socioculturais, econômicas e institucionais. Sobre tudo a organização do trabalho artesanal nas cooperativas e associações e de que forma seu produto circula ao longo da cadeia do artesanato. Analisou-se como esta cadeia está interligada a outras cadeias produtivas como parte das novas configurações do trabalho e da produção artesanal em sua inserção na sociedade contemporânea.

## NOTAS

1. Na atualidade a economia do artesanato é parte da economia e da indústria criativa. O documento da UNIDO (2002, p. 14) afirma que as indústrias criativas "constituem um campo complexo e heterogêneo que vai desde os produtos artesanais até as artes visuais e performáticas, a indústria da música, do cinema e produção audiovisual, assim como multimídia incluindo arte digital, publicidade e entretenimento e representa um dos setores mais dinâmicos nos negócios econômicos globais".
2. O artesanato se subdivide em: indígena, tradicional, de referência cultural e conceitual. A diversidade do artesanato pode ser pensada também em função da matéria-prima utilizada. As

matérias primas podem ser de origem mineral, vegetal ou animal. Estas matérias-primas podem ser utilizadas no processo de trabalho de diversas formas: (1) em sua forma natural, (2) depois de processada (industrialmente ou artesanalmente) ou (3) reciclada (SEBRAE, 2004).

3. Por cadeia de valor consideramos o conjunto das atividades econômicas interligadas que compõem a cadeia do produto, desde o design, passando pela manufatura, o marketing e a comercialização, até o consumo final (KELLER, 2006).
4. Ver a matéria de TIAGO, Ediane. Programas do Sebrae pretendem agregar valor à arte regional: profissionalizar é a ordem no universo dos artesãos. *Jornal Valor Econômico: Pequenas e Médias Empresas (Gestão)*, 30 abr. 2010. Especial
5. Dados disponíveis no site da Cooperunica: <<http://www.cooperunica.com.br>>. Acesso em: 9 maio 2010.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, M.R.B. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da "arte do ouro" de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- \_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- \_\_\_\_\_. CANCLINI, Néstor G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GUIMARÃES, Luzia M. *Desenvolvimento científico-tecnológico e segmentos produtivos exportadores do Estado do Maranhão: relatório de pesquisa*. São Luís: UEMA/CCA/DCS, 2007.
- KELLER, Paulo F. Cadeia de valor. In: CATTANI, A.D. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2006.
- LIMA, R. G. *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda*. Brasília, DF: Ministério da Cultura; Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Artesanato: cinco pontos para discussão*. Brasília, DF: Ministério da Cultura;

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Livro 01 – O Processo de Produção do Capital, v.1 e 2).

\_\_\_\_\_. *Formações econômicas pré-capitalistas*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MDIC-BRASIL. *Programa do artesanato brasileiro*. Brasília, DF: MDIC-SDP, [200-].

MILLS, Wright. O ideal do artesanato. In: \_\_\_\_\_. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTA, Paula. *Economia da cultura: um setor estratégico para o país*. Brasília,DF: Ministério da Cultura/PRODEC, 2008.

RIBEIRO, Berta et al. *O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

SEBRAE. *Histórias de sucesso – experiências empreendedoras (Buriti: a Jóia dos Lençóis Maranhenses)*. Belo Horizonte, MG: SEBRAE Nacional; SEBRAE/MG; SEBRAE RJ; PUC RIO; IBMEC/RJ, 2003. Disponível em: <<http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br/include/arquivo.aspx/42.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2009.

\_\_\_\_\_. *Programa SEBRAE de artesanato: termo de referência*. Brasília, DF: SEBRAE Nacional, 2004.

\_\_\_\_\_. *Artes nas mãos: mestres artesãos maranhenses*. São Luís,MA: SEBRAE Maranhão, 2007.

\_\_\_\_\_. *Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro*. Brasília, DF: SEBRAE/NACIONAL, 2008.

SENNETT, R. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

UNCTAD. *Creative economy report 2008*. Geneva, Switzerland: United Nations/UNCTAD/UNDP, 2008.

UNIDO. *Creative industries and micro & small scale enterprise development: a contribution to poverty alleviation*. Vienna, Austria: United Nations Industrial Development Organization, 2002. Disponível em: <[http://www.unido.org/fileadmin/import/69264\\_creative\\_industries.pdf](http://www.unido.org/fileadmin/import/69264_creative_industries.pdf)>. Acesso em: 1 fev. 2008.

VIVES, Vera de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, Berta et al. *O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE-INF, 1983.

WEBER, Max. *História geral da economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.